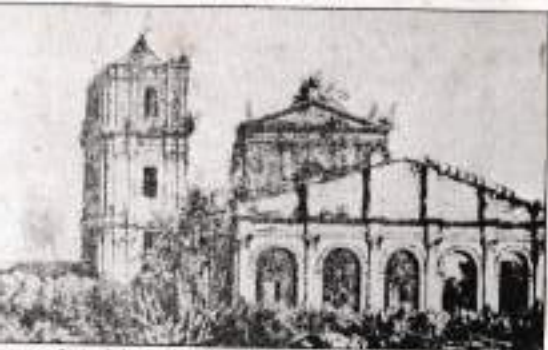
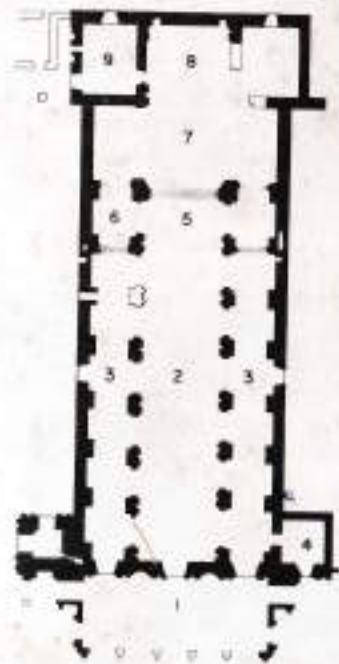


"já estavam desaprumadas, não só por causa dos parasitas, mas também por causa das esbarrâneas em busca dos tesouros dos jesuítas (na época existiram), e "o templo ainda conservava o aspecto do desenho tirado nove anos antes, pelo viajante francês Demersay".
 O autor sabemos que o desabamento do pórtico em 1886, causado por um raio.



segundo o viajante francês Demersay.

BAIXA DA IGREJA



Legenda:
 1. Nave 2. Nave 3. Nave lateral
 4. Capela 5. Capela 6. Capela
 7. Torre 8. Capela 9. Sacristia

São Miguel das Missões



Secretaria da Cultura da Presidência da República
 Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
 Governo do Estado do Rio Grande do Sul

HISTÓRICO DA REDUÇÃO

No início do século XVII foi fundada pelo padre Cristóbal de Mendonza a Redução de São Miguel. Devido aos ataques dos bandeirantes, esta teve que ser trasladada, alguns anos depois, para a outra margem do Rio Uruguai. Só depois de cessadas as investidas paulistas na região, resultado da concessão — pelo governo da Espanha — de licença para o armamento dos índios aldeados, é que a Redução se estabelece em seu sítio definitivo. Instalada em 1687, inicia um período de grande desenvolvimento, caracterizado pelo processo de transculturação a partir do qual os índios guaranis gradualmente foram se inserindo na cultura europeia. Transformaram-se em hábeis artifices metalúrgicos, tipógrafos, escultores, pintores, músicos, ceramistas, cantores e fabricantes de instrumentos musicais.

Este processo é comum às sete reduções fundadas no atual território rio-grandense — os chamados Sete Povos das Missões: São Borja (1682), São Nicolau (1687), São Miguel (1687), São Luiz Gonzaga (1687), São Lourenço (1691), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706).

Com o Tratado de Madrid, estabelecido em 1750 para fixação da fronteira entre as terras de Portugal e Espanha, fica decidida a troca do território dos Sete Povos pela Colônia de Sacramento, devendo os índios aldeados abandonar as reduções. Apesar da recomendação do Padre Superior da Província dos Jesuítas no Paraguai de que os sacerdotes exercessem toda sua influência junto aos índios para a aceitação das decisões do Tratado, revoltam-se os guaranis, deflagrando uma guerra que se desenvolve entre 1754 e 1756. Derrotados, os índios são obrigados a abandonar seus lares. O Tratado de El Pardo (1761) anula o de Madrid, possibilitando o retorno dos guaranis às suas terras. Com a expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis, em 1768, passam os Povos a ser governados pela administração colonial espanhola e, a partir de 1801, pela administração portuguesa, iniciando-se a decadência dos aldeamentos. Em 1828, como consequência da Guerra Cisplatina, D. Frutuoso Rivera dá o golpe definitivo nos Sete Povos das Missões Orientais incorporando ao seu exército todos os homens das Missões e levando consigo, igualmente, "seus familiares, mais de sessenta carretas de imagens, ornamentos, alfaias e sinos das igrejas, além de vinte mil reses e toda a cavalaria que se pode reunir", segundo descreveu Wolfgang Hamisch.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

A organização do espaço urbano de São Miguel obedecia ao esquema urbanístico adotado em todos os Povos, caracterizado por um traçado ortogonal semelhante em sua rigidez às normas urbanísticas ditadas pelas Leyes de Índias e adotadas pelo governo Espanhol nas cidades fundadas na América.

O jesuíta alemão Antonio Sepp, nas cartas, que dirigiu a seu irmão, assim descreve as reduções:

"As aldeias, como disse, estão quase todas localizadas no alto dos barrancos dos rios muito piscosos, Uruguai ou Paraná e contam com setecentas, oitocentas e novecentas, e muitas até, com mais de mil famílias ou moradias.

Sobre família se entende: pai, mãe, filha e filhos, e mais seus filhos. Assim cada aldeia conta com seis a oito mil e mais almas, conta fraca, porque os índios são muito férteis.

Cada aldeia tem junto à igreja um logradouro amplo e muito bonito, de 400 pés de comprimento e a mesma largura.

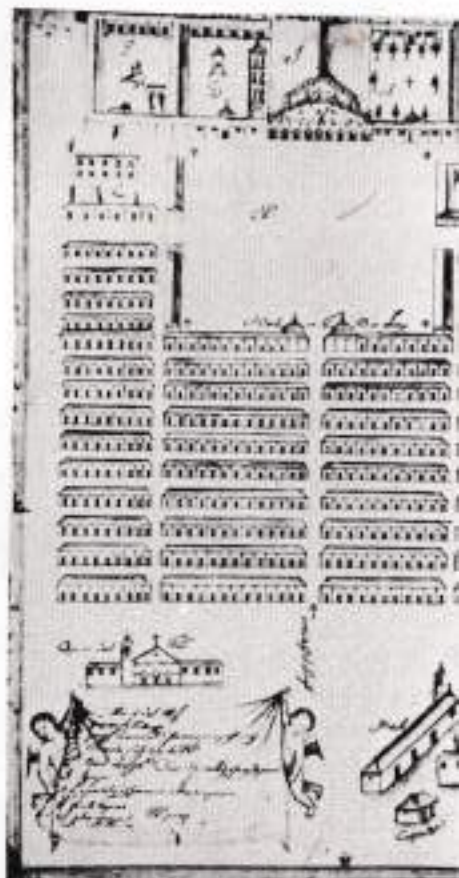
As casas formam ruas largas, como nas cidades europeias, mas são de construção diferente: são muito baixas, não tem assoalho de madeira, mas os índios moram no chão descoberto.

Os muros não são de pedra, mas de terra que é socada" (...)

Do lado norte da praça localizava-se a igreja. Anexa a ela, ao lado do evangelho, ficavam os pátios do colégio e das oficinas. Ao redor do pátio do colégio, situavam-se a residência e o refeitório dos padres. No subsolo deste refeitório, ao fundo da ala que separa os dois pátios, encontrava-se a adega.

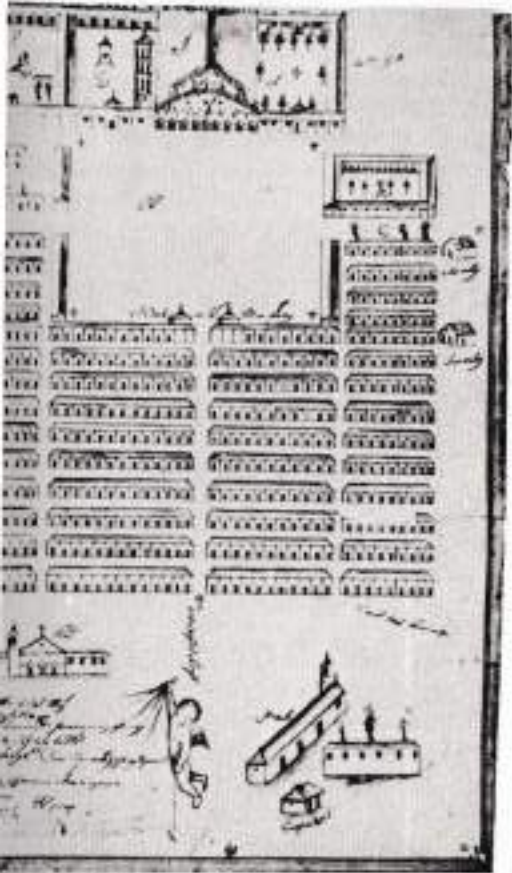
Adjacente ao pátio do colégio, localizava-se o segundo pátio, o das oficinas e armazéns. Do lado da epístola situava-se o cemitério e o **coliguaçu** (casa das viúvas e órfãos). Atrás da igreja ficavam o pomar e a horta.

Frente à igreja, no lado oposto da praça, localizava-se o cabildo, e, ao redor da mesma, desenvolviam-se as ruas formadas pelas casas dos índios.



Plano português realizado estimativamente em 1756. (Biblioteca Nacional, RJ)





Gravura realizada
antes em 1756.
(Arquivo Nacional, RJ)



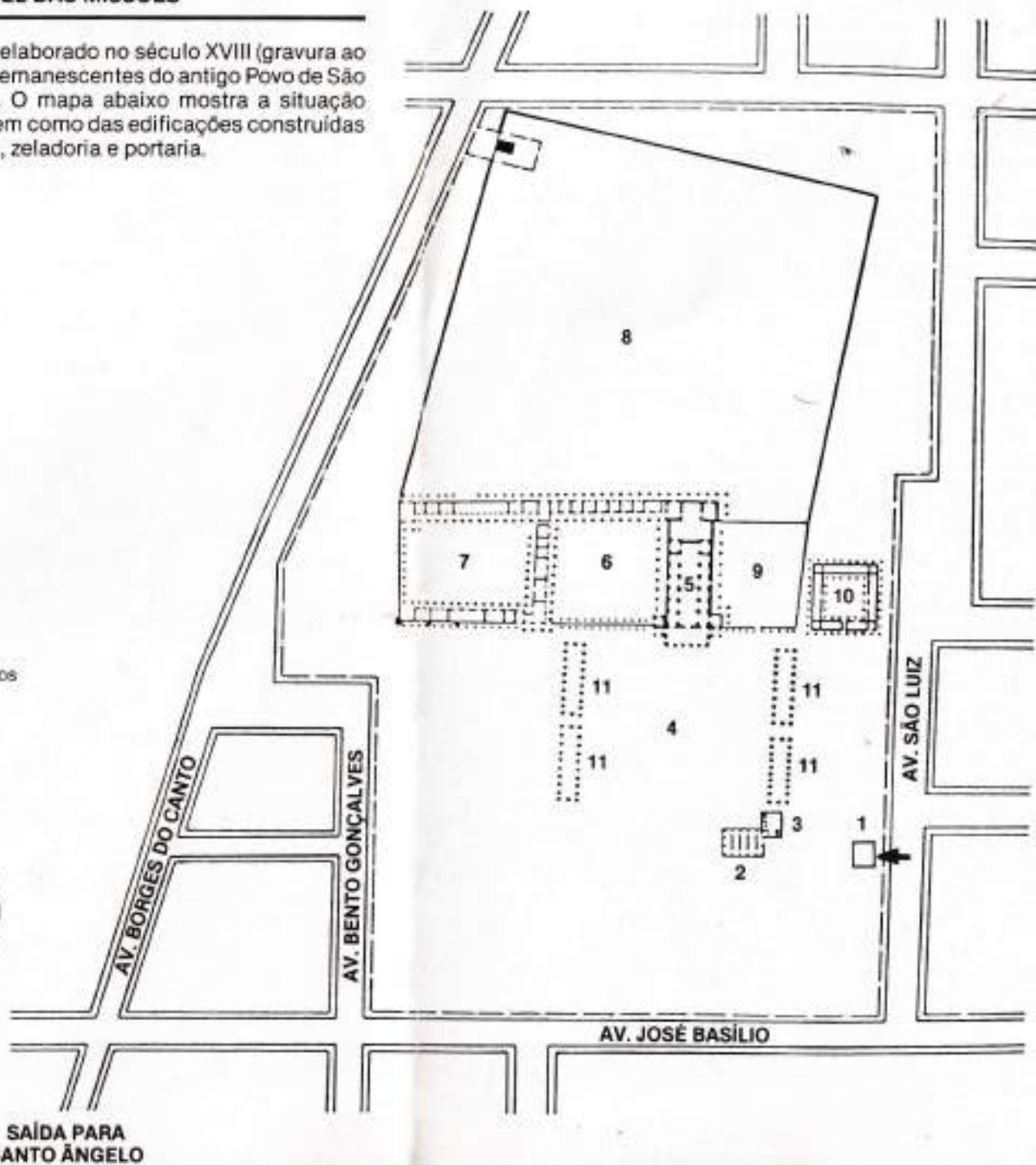
Foto: PEDRO LOBO

PLANO ATUAL DOS REMANESCENTES DO ANTIGO POVO DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

Do antigo plano elaborado no século XVIII (gravura ao lado), restam alguns remanescentes do antigo Povo de São Miguel das Missões. O mapa abaixo mostra a situação atual dos mesmos, bem como das edificações construídas para abrigar o museu, zeladoria e portaria.

LEGENDA:

1. Pórtico de Acesso
2. Museu das Missões
3. Zeladoria
4. Praça
5. Igreja
6. Pátio do Colégio
7. Pátio das Oficinas
8. Pomar e Horta
9. Cemitério
10. Cotiguaçu
11. Vestígios casa dos índios



AÇÕES OFICIAIS

As primeiras iniciativas para a preservação das ruínas são tomadas em 1928 pelo governo do Rio Grande do Sul, através de sua Secretaria de Obras Públicas. Nessa ocasião é feita a erradicação da vegetação de grande porte e a estabilização de algumas paredes, com o emprego de vergalhões e trilhos de ferro.

Tombado em 16 de março de 1938 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), é o monumento naquele mesmo ano beneficiado com obras de consolidação, as primeiras com que o órgão recém criado inaugura sua tarefa de conservação e restauração dos bens culturais brasileiros.

Em 1940 é criado o Museu das Missões, projeto do arquiteto Lúcio Costa, que abriga a maior coleção de arte sacra missioneira em nosso território.

Em 1954 são realizadas novas obras na Igreja, compreendendo a recomposição de pequenos trechos de paredes e a remoção de parte do entulho existente no interior da nave.

De 1967 a 70, sob a orientação do arquiteto Luís Saia, é feita a recomposição de alguns maciços, o capeamento do respaldo das paredes laterais, além de trabalhos de prospecção que revelaram o primeiro piso da Igreja.

As obras que estão sendo feitas atualmente, pela SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA, inicialmente sob a orientação do arquiteto Fernando Leal, e que prosseguem sob a orientação do corpo técnico da 10.^a DR, consistem na consolidação de paredes pela intromissão de concreto e embrechamento dos paramentos. Para tanto foi realizado um completo levantamento arquitetônico da Igreja, utilizando-se da fotogrametria e da medição direta.

São Miguel das Missões é declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em Florença, Itália, a 06 de dezembro de 1983, considerando que se constitui num dos mais completos remanescentes das 30 reduções fundadas pelos jesuítas na América, sendo o testemunho material de uma experiência social e política única na história.

Em 1985, o Museu das Missões passa por uma reformulação geral, sendo o seu acervo cadastrado através do Programa de Informatização da Coordenadoria de Acervos Museológicos da FNPM. Inicia-se a restauração das imagens no laboratório da 10.^a DR.

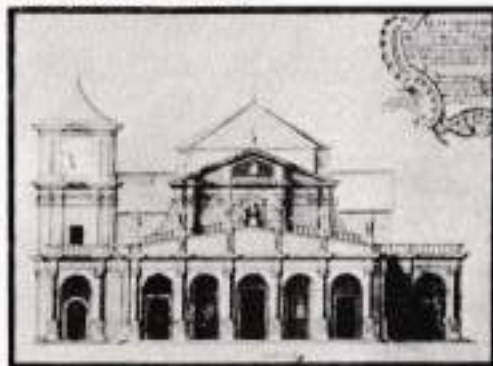
Em 1987, por ocasião do tricentenário da implantação das Reduções de São Miguel, São Luiz Gonzaga e São Nicolau em seus sítios atuais, o Ministério da Cultura conjuntamente com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul nomeia uma Comissão Executiva dedicada a efetivar o traba-

lho de valorização das Missões, enfatizando as ações nas áreas educacional, museológica e do turismo cultural.

A IGREJA DE SÃO MIGUEL

O templo definitivo foi construído entre 1735 e 1744, sob a direção do arquiteto jesuíta, de origem milanese, Giovanni Battista Primoli.

A obra de construção da Igreja foi feita em etapas. Originalmente não possuía nem torre nem pórtico à sua entrada, assemelhando-se no seu partido arquitetônico à "igreja modelo" dos jesuítas — a do Gesù, em Roma — notadamente pela presença de capelas laterais à nave, transepto e cúpula, segundo tese formulada pelo Arq. J. N. B. de Curtis, Consultor da SPHAN.



Cábrez, 1780 (Arq. Hist. Itamaraty)

Das descrições da igreja, merece atenção a de José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, que visitou as reduções entre 1800 e 1819 antes da sua dilapidação e abandono.

"Nela se entrava por um alpendre de cinco arcos, sustentados por colunas de pedra branca e vermelha, rematado por vistosa balaustrada, e sobre uma gradaria da mesma pedra (...) que coroava o frontespício, elevava-se a imagem de S. Miguel, e dos lados as dos seis apóstolos; a igreja é de três naves, de trezentos e cinquenta palmos de comprimento, e de cento e vinte de largo, com cinco altares de talha dourada, e excelentes pinturas, e ao entrar na porta principal via-se à direita uma capela com seu altar, a pia batismal (...) A torre era também de pedra com seis sinos".

Durante grande parte do século XIX a igreja esteve abandonada, conforme relatam viajantes como Auguste Saint Hilaire, Robert Avé Lallemand e Hemetério J. V. Silveira.

Segundo Hemetério J. V. Silveira, as colunas do pórti-

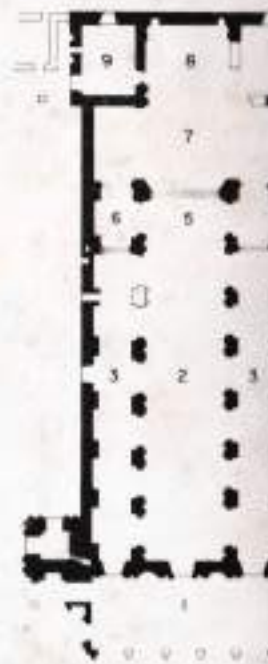
co, em 1858, "já estavam desaprum da vegetação dos parasitas, mas as cavidades subterrâneas em busca (tas" (que nunca existiram), e "o tem mesmo aspecto do desenho tirado viajante Demersay".

Por esse autor sabemos que o co se deu em 1886, causado por um



A Igreja, em 1846, segundo o viajante francês Demersay

PLANTA BAIXA DA IGREJA



planta em escala de 1:1000
paredes por dentro do monumento
pórtico da igreja